



Mulheres

OPA BIC – MULHERES

Eu havia chegado à entrada do café onde a reunião deveria acontecer.

Eu tremia, mas não de medo. Era o tipo de tremor que faz uma pergunta simples: estou fazendo a coisa certa, ou finalmente me empurrei para além do limite?

Havia também uma outra pergunta: o que eu ganho com essa operação? Que objetivos escondi de mim mesmo tão fundo que nem eu consigo mais reconhecê-los?

Estiquei a mão até uma rosa em exposição, arranquei três pétalas e as usei para perfumar o rosto. Loção pós-barba não entrava no orçamento da viagem, mas eu não queria chegar carregando apenas o cheiro de um homem.

Eu estava na terra natal de Georges, filho da L'Oréal, e aquela empresa havia me ensinado muitas coisas.

Coloquei a música do meu site como trilha de fundo. Por acaso, a canção que começou a tocar era a mesma que meu pai e meu avô costumavam tocar juntos: bandolim e violão. Eles estavam comigo. Nós três entramos juntos.

A Chanel me viu de longe e veio com um abraço caloroso, como se fôssemos velhos amigos que se reencontravam depois de muitos anos. Alta. Loira. Olhos azuis. Cabelo preso com esmero. Uma presença de tirar o fôlego envolta num vestido azul-marinho. Por um instante quase quis lhe perguntar onde eu poderia encontrar uma igreja para me casar com ela na mesma hora.

Ela me conduziu até a mesa. Seis mulheres esperavam. A reunião estava prestes a começar, e eu já sabia que jamais haveria um confronto. Eu sofria de um defeito congênito: sabia perder enquanto venciam.

Apresentei-me a cada uma das mulheres, sem tentar identificar a mais importante da mesa. Descobri isso naturalmente uns dez segundos depois.

A primeira mulher revelou nome e sobrenome, e, ao mais puro estilo Gillette Man, beijei-lhe a mão. Depois fiz o mesmo com cada uma das outras mulheres da mesa, oferecendo a cada uma um sorriso e um: "Enchanté." Made in Calabria.

Só depois disse o meu próprio nome, sem a menor dúvida de que todas elas já sabiam quem eu era.

Perguntaram o que eu gostaria de beber, se queria tomar café da manhã, talvez um docinho. Expliquei que a equipe do meu hotel de sempre jamais me deixaria sair de manhã sem antes ter testemunhado um café da manhã de verdade. Todas caíram na gargalhada.

Em seguida perguntaram se aquela era a minha primeira vez em Paris. Contei que, anos antes, eu havia trabalhado às margens do Sena, nos jardins à beira do rio, colhendo flores e as entregando frescas toda manhã à Catedral de Notre-Dame. Eu havia feito isso enquanto esperava que a Madona me concedesse um favor e arranjasse justamente este encontro com as seis. Nunca duvidei disso. Afinal, era a promessa de uma mulher.

Elas sorriram. O clima suavizou. A empatia entrou na conversa.

Então uma delas perguntou: — Senhor Frega, do que o senhor mais gosta na França?

— *Que pergunta é essa? — respondi. — A resposta é óbvia.*

BIC.

A conversa logo tomou um rumo agradável.

Um pouco depois, decidimos continuar durante o almoço e caminhamos cerca de cem metros pela Champs-Élysées. Ao longo de toda a caminhada, porém, eu não parava de notar os mesmos três ou cinco homens nos observando de longe. Eu os havia notado desde o primeiro instante. E eles

havam me notado. Eram seguranças. Nunca perto demais. Nunca longe demais.

Entramos num restaurante francês. Aquele típico restaurante francês onde você come quase nada e paga uma pequena fortuna.

Chamei a Chanel. Ela veio na hora em minha direção.

— *O que aconteceu?*

— *Vamos embora.*

— *Embora?*

— *Sim. Vou levar todas vocês para comer em outro lugar.*

Por um minuto inteiro elas ficaram paralisadas. Um convidado conduzindo a dança não era algo que estivessem acostumadas a ver. Mesmo assim, minha proposta foi tão convincente que todas seguiram. Como galinhas atrás de um galo. Aliás, estávamos na terra do galo.

Chegamos à primeira pizzaria e lanchonete que encontramos. Antes de entrar, fui até o dono.

— *Eu gostaria de sete sanduíches, cinco euros cada, bebidas incluídas.*

— *E sou eu quem paga.*

O acordo foi fechado. E a boa impressão, também.

Entramos. Elas pareciam completamente perplexas, como se cavalgassem sobre as asas de cavalos voadores, incapazes de entender exatamente o que estava acontecendo.

Estavam dentro do GILLETTENARRATIVE. E nenhuma delas ainda sabia disso.

Ferdinando